

A vitalidade identitária de contornos entonacionais característicos do falar manezinho

Izabel Christine Seara^a

Juan Manuel Sosa^b

Roberta Pires de Oliveira^c

Resumo

*Este artigo descreve um contorno entonacional que particulariza uma variedade dialetal - o falar manezinho - e aventa a hipótese de “interface” entre prosódia e semântica/pragmática em que um mesmo contorno prosódico é associado a diferentes significações pelo manezinho e pelo não manezinho. Seara e Sosa (2017), estudando o falar manezinho, observaram um contorno declarativo com upstep em falantes mais velhos (acima de 50 anos) ainda não descrito na literatura. Esse contorno apresenta, no núcleo entonacional, um pico bastante alto seguido por uma drástica queda na parte inferior do registro do falante ((LH) ;H*L% - representação fonológica do pitch apoiada na teoria métrica autossegmental (PIERREHUMBERT, 1980; entre outros). Essa investigação mostrou que, embora os mais jovens produzam o contorno com upstep, esse contorno apresenta uma subida não tão alta quanto a exibida pelos mais velhos. Realizamos um teste de discriminação com os contornos com upstep com características similares às dos sujeitos mais velhos e, com um teste de identificação, averiguamos o valor semântico-pragmático desses contornos. O teste de discriminação mostrou que o contorno com upstep tem vitalidade entre os mais jovens, mesmo que apresente uma subida não tão relevante quanto à apresentada pelos mais velhos. O teste de identificação mostrou que contornos com upstep mais proeminente foram identificados pelos ouvintes não manezinhos como uma pergunta (17%); no entanto, nenhum ouvinte manezinho compreendeu que estava diante de uma pergunta. Esses resultados parecem sugerir que há indícios de que se trata de duas variedades distintas e requer o aprofundamento das análises.*

Palavras-chave: Entoação; Falar manezinho; Contorno com upstep; Valor semântico-pragmático.

Recebido em: 04/04/2018

Aceito em: 03/07/2018

^a Bolsista de Produtividade do CNPq (PQ2). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: izabel.seara@gmail.com.

^b Simon Fraser University, Canadá. E-mail: sosa@sfu.ca.

^c Pesquisadora de Produtividade 1D do CNPq. Universidade Federal do Paraná (UFPR)/Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: ropiolive@gmail.com.

Introdução¹

O dialeto manezinho² é uma variedade dialetal não-urbana do português brasileiro (PB), falado na Ilha de Santa Catarina (FURLAN, 1989, entre outros), e apresenta certas propriedades segmentais e suprasegmentais que o definem como uma variedade dialetal distinta de outros falares brasileiros. Estudos prosódicos já realizados sobre a variedade florianopoliana, focalizando sentenças declarativas e interrogativas totais (SILVESTRE, 2012; NUNES, 2011 e 2015; SILVESTRE; REIS, 2013; SOSA, NUNES, SEARA, 2013; SEARA; SILVA; BERRI, 2011; SEARA; COUTO, 2011), ainda não haviam apontado para um contorno entonacional com características particulares que parece identificar os falantes *manezinhos*. Seara e Sosa (2017) descrevem esse contorno, denominado declarativo com *upstep*, afirmam ser característico do falar *manezinho*. Ele apresenta, na região nuclear da sentença, um pico final bastante alto seguido por uma drástica queda para a parte inferior do registro do falante. Com base na Fonologia Entoacional, sua representação formal é: (LH) ;H*L%.

Os autores observaram esse contorno em dados provenientes de entrevistas sociolinguísticas do Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) na fala de sujeitos na faixa etária acima de 50 anos. Também verificaram que, no dialeto *manezinho*, produzido especialmente por falantes com idade acima de 50 anos, o contorno declarativo canônico (H+L*L%, conforme CUNHA, 2000; MORAES, 2008; NUNES, 2011 e 2015; entre outros) e aquele com *upstep* ((LH) ;H*L%, conforme SEARA; SOSA, 2017) apresentam-se com frequências de uso semelhantes. Finalmente, realizaram um teste de percepção e esse contorno foi reconhecido, por um número significativo de ouvintes, como próprio do falar *manezinho*.

O presente estudo, de cunho qualitativo, visa averiguar se o contorno observado por Seara e Sosa (2017), na produção de *manezinhos* mais velhos (acima de 50 anos), também estaria presente na fala de *manezinhos* mais jovens (entre 30 e 40 anos), e se esse contorno teria algum valor significativo distinto.

Desse modo, nossas questões de pesquisa são:

- 1) O contorno declarativo com *upstep* é encontrado também na fala de manezinhos mais jovens? O objetivo é verificar a vitalidade identitária desse

¹ Agradecemos aos pareceristas pela cuidadosa leitura e pelos comentários que deram uma contribuição importante para essa nova versão do artigo. Os erros, que porventura permaneçam, são de nossa própria responsabilidade.

² O termo *manezinho* é usado aqui como um adjetivo afetuoso daqueles que admiram as características particulares que essa variedade dialetal apresenta, sem qualquer valor pejorativo.

contorno entonacional com *upstep* em falantes mais jovens e como falantes manezinhos e de outras variedades dialetais entendem esse contorno.

- 2) Se verificado esse contorno, ele estaria associado a diferentes valores semânticos? O objetivo é investigar o valor semântico-pragmático do enunciado com *upstep* em falantes *manezinhos* e de outras variedades dialetais.

Para responder a essas questões, iniciamos investigando a produção de contornos com *upstep* em falantes mais jovens, analisando os contornos declarativos apresentados por esses sujeitos, representando-os com base em uma notação autosegmental métrica (PIERREHUMBERT, 1980; PRIETO, 2003; 2005). Essa investigação mostrou que, embora os mais jovens produzissem o contorno com *upstep*, produziam esse contorno com uma subida não tão alta. Assim, realizamos, com os contornos declarativos que apresentaram características similares aos encontrados nos dados dos sujeitos mais velhos, um teste de discriminação. Nesse teste, o contorno mais baixo dos jovens era comparado com o dos mais velhos para verificar se eram tidos como semelhantes. Nossa hipótese é de que apenas os falantes dessa variedade dialetal (*manezinhos*) seriam sensíveis à diferença entre os contornos mais alto e mais baixo; falantes de outras variedades dialetais (não *manezinhos*) entenderiam que se trata do mesmo contorno. Em seguida, com o intuito de avaliar o valor semântico-pragmático do contorno com *upstep*, ou seja, para tentar identificar as situações em que ele é utilizado, realizamos um teste de identificação, de caráter exploratório já que não tínhamos uma hipótese sobre o valor semântico do contorno com *upstep*. Os testes de percepção (discriminação e identificação) foram aplicados a ouvintes *manezinhos* e não *manezinhos*.

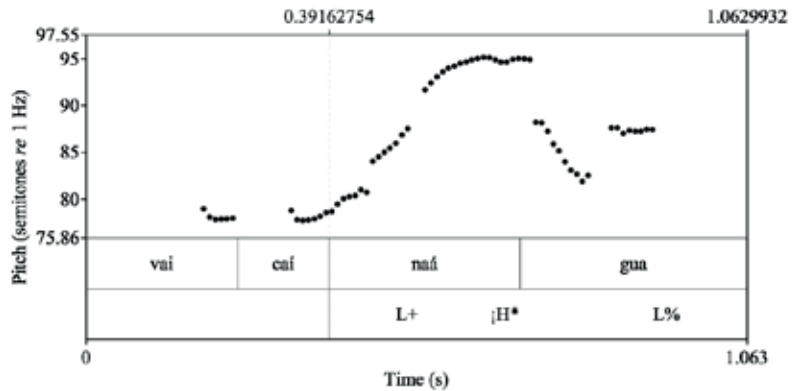
1. Os contornos declarativos: padrão e com *upstep*

Nossa descrição apoia-se na teoria métrica autosegmental (PIERREHUMBERT, 1980; LADD, 1996; PRIETRO, 2003; 2005; LUCENTE, 2014; FROTA, 2015; entre outros). Nessa abordagem, a entoação apresenta uma organização fonológica própria, e a frequência fundamental (F0) é interpretada como uma

sequência de eventos fonológicos discretos (acentos de *pitch* e tons de fronteira), podendo ser caracterizados segundo sua forma e direção. Os acentos de *pitch* têm como representação formal High (H*) e Low (L*) (tons simples) ou uma combinação deles: LH*, L*H, H*L, HL* (tons complexos). O * identifica o tom associado à sílaba acentuada. Os tons de fronteira que estão relacionados com os limites de constituintes prosódicos têm como representação formal H% ou L%.

O contorno entonacional nuclear com *upstep*, observado em declarativas realizadas por falantes *manezinhos* mais velhos, e que, segundo Seara e Sosa (2017), pode ser considerado um marcador de identidade do *manezinho*, tem como representação formal: (LH) ;H*L%. Foneticamente, há uma subida - *upstep* - de mais de uma oitava³ que culmina na sílaba tônica do núcleo entonacional, seguida de uma descida também de aproximadamente uma oitava. Veja a Fig. 1.

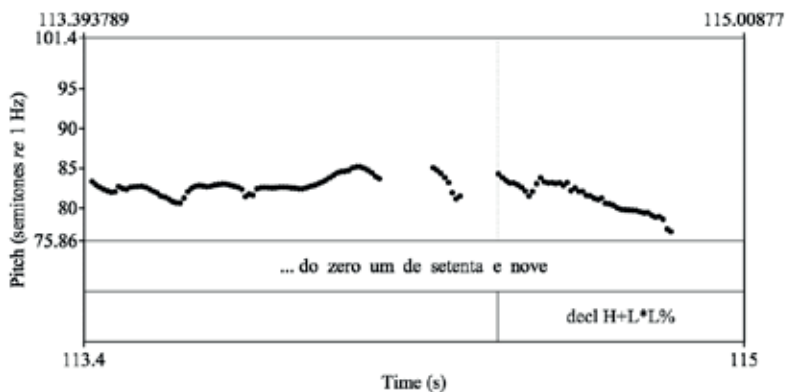
Figura 1 - Contorno entonacional declarativo com *upstep* característico do falar *manezinho*



O contorno declarativo com *upstep* contrasta com outros contornos entonacionais, apontados por pesquisadores brasileiros e empregados no PB para as declarativas finais, que seria o (L) H+L* L% (CUNHA, 2000; MORAES 2008, NUNES, 2015, dentre outros). Esse padrão mais recorrente no PB apresenta o tom mais alto na sílaba átona pré-tônica, seguido de uma queda na sílaba tônica continuando até o registro baixo. Veja a Fig. 2.

³Uma oitava corresponde a 12 semitons. A escala apresentada na Figura 1 está em semitons numa correspondência logarítmica em que 1 Hz corresponde a 0 semitom. Observe que a diferença em semitons no eixo vertical corresponde a mais de 12 semitons.

Figura 2 - Contorno entonacional considerado padrão nas declarativas neutras do PB, produzido por um falante *manezinho*.

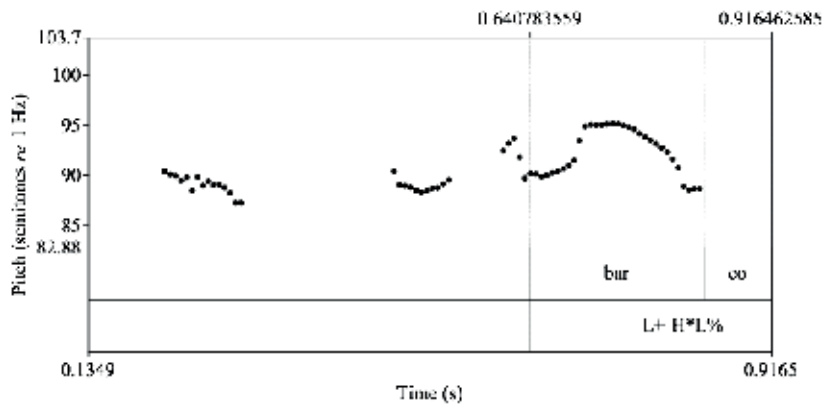


Veja que, nesse contorno, a maior altura tonal não está na sílaba tônica, mas sim na pré-tônica, que é seguida por uma queda tonal concentrada agora na sílaba tônica.

2 Os contornos declarativos observados na amostra dos mais jovens

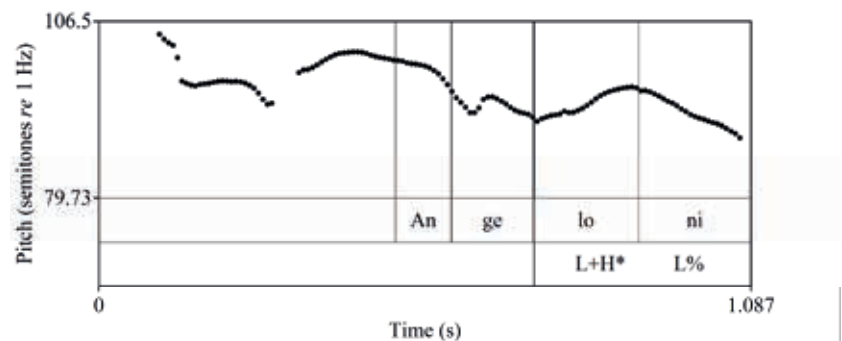
Para averiguar a hipótese de Seara e Sosa (2017) de que o contorno declarativo com *upstep* é um marcador de identidade do falar *manezinho*, coletamos e analisamos dados de quatro informantes mais jovens, dois masculinos e dois femininos, com idades entre 30 e 40 anos. Nessa amostra, verificamos, para as declarativas, além dos dois padrões anteriormente descritos (contorno com *upstep* e contorno padrão de declarativa neutra do PB), um contorno frequentemente usado pelos mais jovens que consiste de uma subida na sílaba tônica nuclear, com notação L+H*L%. Esse contorno apresenta uma subida que é sistematicamente mais baixa do que aquela apresentada pelo contorno com *upstep* dos mais velhos. Veja, na Fig. 3, um exemplo desse padrão.

Figura 3 - Contorno entonacional declarativo com *upstep* menos proeminente e com notação L+H* L%, observado no falar *manezinho* dos mais jovens



Além disso, ele é coincidente notacionalmente com o contorno interrogativo canônico do PB, descrito por MORAES (1998), para a variedade carioca (conhecido como padrão circunflexo) e por SILVA; CUNHA (2011), entre outros. Veja Fig.4.

Figura 4 - Contorno entonacional interrogativo com notação L+H*L% no falar de *manezinhos* mais jovens.⁴



⁴ Não é nosso objetivo tratar das interrogativas no falar *manezinho*. Silva; Cunha (2011), embora tenham também verificado o padrão canônico de interrogativas para Florianópolis, apontam que diferenças no alinhamento e no pico de F0 como também na faixa de *pitch* entre o pico e o vale indicam variações regionais. Essas autoras apresentam também para as interrogativas um contorno ascendente final, localizado na sílaba pós-tônica para a variante florianopolitana.

A Tabela 1 apresenta o percentual de contornos *declarativos* com *upstep* (com subida mais e menos acentuada), coletados em aproximadamente 40 minutos de fala semiespontânea, encontrados na fala dos mais jovens.

Tabela 1 - Percentual de contornos entonacionais declarativos com *upstep* com mais ou menos proeminência coletados em dados de informantes mais jovens (faixa de idade: entre 30 e 40 anos)

Informantes	Contorno <i>upstep</i> mais proeminência	Contorno <i>upstep</i> menos proeminência
Masculino 1	33%	67%
Masculino 2	0%	100%
Feminino 1	25%	75%
Feminino 2	13%	87%
Total	22%	78%

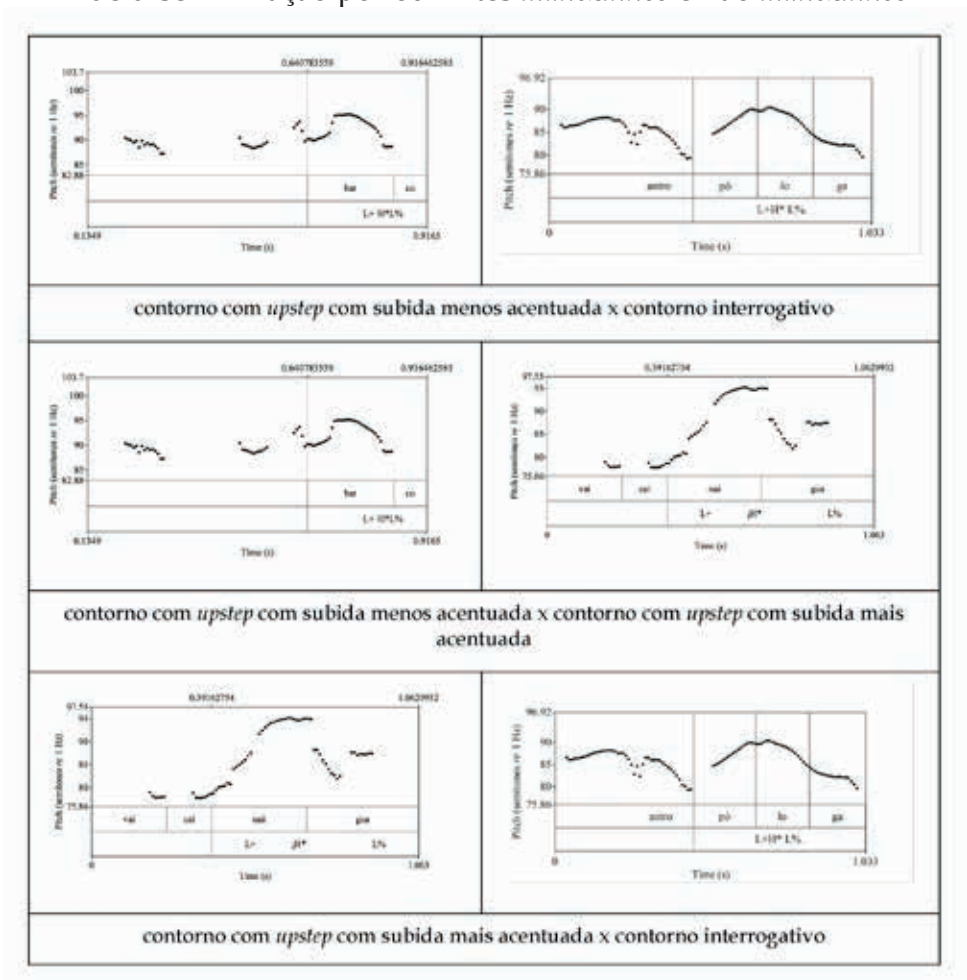
Os resultados evidenciam um grande número de contornos com *upstep* com subida menos pronunciada (78%) e a presença do contorno com *upstep* com subida mais pronunciada em apenas 22% dos dados. Mostram, assim, a presença do contorno declarativo com *upstep* também na fala dos mais jovens, no entanto, exibindo uma mudança na proeminência da subida da curva de F0 na sílaba tônica.

Para verificar se o contorno declarativo com *upstep* com subida menos proeminente é percebido como o contorno com subida mais proeminente, montamos um teste de discriminação. Testamos ainda se o contorno interrogativo (que tem o mesmo padrão entonacional do contorno com *upstep* menos proeminente: L+H* L%) apresenta diferenças perceptuais em relação ao contorno com *upstep* menos proeminente para os ouvintes do falar *manezinho* e do falar não *manezinhos*.

O teste de discriminação serviu para observar se o contorno com *upstep* com mais proeminência, encontrado nos mais velhos e nos mais jovens, e o contorno com *upstep* com menos proeminência, encontrado apenas nos mais jovens, seriam percebidos como semelhantes por falantes *manezinhos* e não *manezinhos*. Serviu também para verificar se o contorno com *upstep* mais baixo, por ser semelhante ao padrão entonacional do contorno interrogativo, é interpretado como diferente ou semelhante a esse contorno. Esse teste foi montado com base em um *script* do Praat (BOERSMA; WEENINK, 2016).

Foram usados estímulos com frases naturais e filtradas. Estímulos com frases naturais são aqueles em que não há filtragem do sinal de fala; nos estímulos filtrados, temos apenas informações que correspondem à faixa de frequência relativa à F0 dos sujeitos gravados. Para os estímulos filtrados de dados produzidos por homens, o sinal acústico passou por um filtro passa banda de 50 a 300Hz e, produzidos por mulheres, de 50 a 400 Hz. Os estímulos naturais e filtrados foram manipulados ainda para que apresentassem uma mesma intensidade, ficando em torno de 70dB. Essa estratégia foi usada para evitar que os ouvintes considerassem os estímulos estranhos ou diferentes, por exemplo, devido às diferenças de intensidade do sinal de fala. Os pares de estímulos empregados no teste de discriminação estão exemplificadas na Fig. 5.

Figura 5 - Pares de contornos entonacionais confrontados nos testes de discriminação por ouvintes *manezinhos* e não *manezinhos*



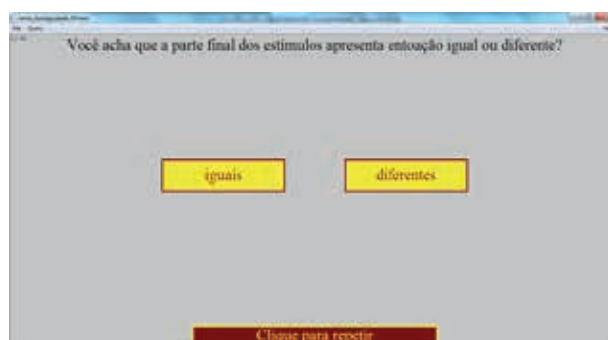
Para a realização do teste de discriminação, o ouvinte, usando um *headfone*, escutava, em uma primeira rodada, um par de estímulos filtrados e, em uma segunda rodada, um par de estímulos naturais. Ao ouvir os estímulos, o ouvinte selecionava a resposta considerada mais adequada apenas da melodia relativa aos contornos entonacionais em estudo. O participante deveria decidir se os dois estímulos eram iguais ou diferentes. O teste de discriminação foi realizado por 19 ouvintes, cinco *manezinhos* e 14 não *manezinhos*, estes últimos, distribuídos em cidades catarinenses e de outros estados brasileiros, eram provenientes das cidades de Siderópolis, São José, Brusque e Rio do Sul (Santa Catarina); Rio Branco (Acre); Ribeirão Preto (São Paulo); Porto Alegre e Pelotas (Rio Grande do Sul).⁵ Os ouvintes eram universitários, não iniciados em prosódia.

O teste de discriminação é do tipo AX. Nesse tipo de teste, um par de estímulos é apresentado, e o ouvinte deve apontar se ambos os estímulos são semelhantes/iguais ou diferentes (KLUGE *et al.*, 2013). Esse teste confrontava diferenças entre:

- (1) contornos com *upstep* com subida mais e menos acentuada;
- (2) contornos com *upstep* (com subida mais e menos acentuada) e contornos interrogativos.

Como vimos, os participantes ouviam pares de estímulos (conforme exemplificado na Fig. 5), combinados a partir dos itens (1) e (2) anteriores. Como tínhamos frases com extensões um pouco diferentes, pedimos que os ouvintes atentassem apenas para a parte final dos estímulos (a região nuclear). Veja, na Fig. 6, a tela do teste de discriminação apresentada aos ouvintes.

Figura 6 - Tela do teste de discriminação



⁵ Não foi nosso objetivo controlar as diferentes variedades do PB nos testes de percepção.

Na sequência, apresentamos os resultados do teste de discriminação.

2.1.1 Os resultados do teste de discriminação

Iniciamos a apresentação dos resultados com estímulos filtrados. Avaliar um estímulo filtrado é mais complexo porque não estamos acostumados a escutar as informações relacionadas apenas com os aspectos suprasegmentais, ou seja, apenas com a entoação. A Tabela 2 apresenta os resultados do teste de discriminação com estímulos filtrados, realizados com ouvintes *manezinhos* e, a Tabela 3, com não *manezinhos*.

Tabela 2 - Resultados do teste de discriminação com

Ouvintes <i>manezinhos</i>	Igual	Diferente
contorno com <i>upstep</i> com subida menos acentuada x contorno interrogativo	36%	64%
contorno com <i>upstep</i> com subida menos acentuada x contorno com <i>upstep</i> com subida mais acentuada	29%	71%
contorno com <i>upstep</i> com subida mais acentuada x contorno interrogativo	40%	60%

Tabela 3 - Resultados do teste de discriminação com estímulos filtrados realizado com ouvintes não *manezinhos*

Ouvintes não <i>manezinhos</i>	Igual	Diferente
contorno com <i>upstep</i> com subida menos acentuada x contorno interrogativo	47%	53%
contorno com <i>upstep</i> com subida menos acentuada x contorno com <i>upstep</i> com subida mais acentuada	39%	61%
contorno com <i>upstep</i> com subida mais acentuada x contorno interrogativo	42%	58%

Esperávamos que *manezinhos* considerassem a comparação entre o contorno com *upstep* (com subida menos ou mais pronunciada) e o contorno interrogativo como diferente. Os resultados na Tabela 2 indicam que 60% ou mais dos contornos com *upstep* (com subida menos ou mais acentuada) foram considerados diferentes do contorno interrogativo. Já, para os não-*manezinhos*, os resultados indicam que o contorno com *upstep* com menor proeminência foi considerado diferente

do interrogativo em 53% dos dados e igual em 47%. Esses resultados estão muito próximos a 50% indicando que os participantes podem estar respondendo aleatoriamente. Ou seja, os não *manezinhos* não tinham certeza do que estavam ouvindo. Em relação ao contorno com a subida mais pronunciada, cerca de 60% dos ouvintes consideraram esse contorno diferente do interrogativo.

Para a comparação entre o contorno com *upstep* com subida menos acentuada e o contorno com *upstep* com subida mais acentuada, esperávamos que esses contornos fossem considerados distintos prosodicamente, especialmente pelos *manezinhos*. Os falantes de outras variedades dialetais (não *manezinhos*) tenderiam a não “escutar” essa diferença. As respostas dos *manezinhos* mostram que 71% foram tidos como diferentes e para os não *manezinhos*, 61%. A diferença é assim perceptiva para os dois grupos.

As Tabelas 4 e 5 exibem os resultados do teste de discriminação com estímulos naturais, realizado com ouvintes *manezinhos* e não *manezinhos*, respectivamente.

Tabela 4 - Resultados do teste de discriminação com estímulos naturais realizado com ouvintes *manezinhos*

Ouvintes <i>manezinhos</i>	Igual	Diferente
contorno com <i>upstep</i> com subida menos acentuada x contorno interrogativo	40%	60%
contorno com <i>upstep</i> com subida menos acentuada x contorno com <i>upstep</i> com subida mais acentuada	53%	47%
contorno com <i>upstep</i> com subida mais acentuada x contorno interrogativo	33%	67%

Tabela 5 - Resultados do teste de discriminação com estímulos naturais realizado com ouvintes não-*manezinhos*

Ouvintes não <i>manezinhos</i>	Igual	Diferente
contorno com <i>upstep</i> com subida menos acentuada x contorno interrogativo	28%	72%
contorno com <i>upstep</i> com subida menos acentuada x contorno com <i>upstep</i> com subida mais acentuada	69%	31%
contorno com <i>upstep</i> com subida mais acentuada x contorno interrogativo	27%	73%

60% dos ouvintes *manezinhos* considerou o contorno com *upstep* menos pronunciado diferente do interrogativo. Para 67% desses participantes, o contorno com *upstep* mais alto foi considerado diferente do interrogativo. Podemos dizer que, para os *manezinhos*, os contornos com *upstep* com mais ou menos proeminência foram considerados majoritariamente diferentes do contorno interrogativo padrão do PB. Por outro lado, entre os dois contornos com *upstep* (com subida mais ou menos acentuada) não foi observada uma tendência. Nesse caso, os falantes parecem não diferenciar os dois contornos, talvez porque seu valor semântico-pragmático seja o mesmo.

Para os ouvintes não *manezinhos*, ter uma subida menos ou mais acentuada no contorno com *upstep* é irrelevante, pois 69% consideram esses contornos iguais. Já para esses ouvintes 70% entendem que os contornos com *upstep* (com mais ou menos proeminência) e o contorno interrogativo são diferentes. Esse resultado contrasta com o encontrado no teste com estímulos filtrados para o contorno com subida menor e a interrogação.

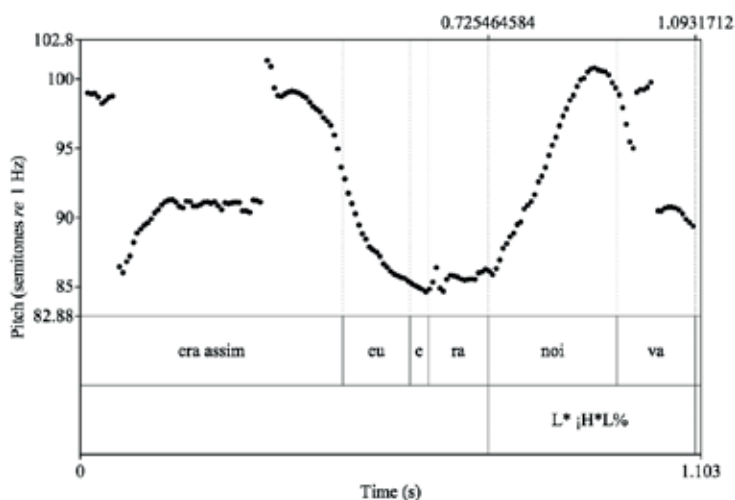
Em relação aos estímulos naturais, a comparação entre os contornos com *upstep* com mais ou menos proeminência, para os *manezinhos*, mostrou que não houve tendência, ou seja, eles não sabem se há ou não diferença talvez porque percebam a diferença melódica, como indica os resultados manipulados, mas essa diferença não corresponde a uma diferença de significado. Na nossa leitura, essa pode ser uma indicação de que estamos diante de uma variação etária. Já os não-*manezinhos* tenderam a considerá-los iguais, evidenciando um comportamento semelhante entre os dois contornos; isto é, eles não sentem os contornos como diferentes. Para os não-*manezinhos* subir mais ou menos é irrelevante; é subir, de qualquer forma. Os resultados do teste com estímulos filtrados e com estímulos naturais têm resultados divergentes com os não-*manezinhos*: confrontados com o estímulo filtrado, não sabem se o contorno com *upstep* com subida menos acentuada e o contorno interrogativo são o mesmo; no teste com estímulos naturais, detectam claramente a diferença entre esses contornos. Esses resultados sugerem que novos estudos são necessários.

3. O valor semântico-pragmático dos contornos observados

Elaboramos um teste de identificação com o objetivo de verificar o valor semântico-pragmático do contorno declarativo com *upstep* e se ouvintes *manezinhos* e de outras variedades dialetais se comportam diferentemente em relação aos valores desse contorno. Nesse experimento, os participantes ouviam estímulos naturais com os contornos de declarativas com *upstep*, cuja notação é (LH) ;H*L%, de declarativas neutras, de interrogativas totais e de declarativas não finais diante de contexto continuativo (CUNHA, 2000).⁶

Na declarativa neutra, cujo contorno melódico aparece, na Fig. 2, descrita como H+L*L%, o falante atualiza o contexto com a informação veiculada pela sentença supondo que esse contexto é vazio, isto é, não há nenhuma informação anterior (CHIERCHIA, 2003; dentre outros).⁷ Uma declarativa neutra não contém nenhuma pressuposição, por isso ela é caracterizada como tendo escopo amplo. Além disso, o falante não coloca o seu posicionamento subjetivo, sua avaliação sobre o conteúdo veiculado. O contorno melódico da declarativa neutra contrasta com o da declarativa com ênfase, cuja curva melódica aparece na Fig. 7 a seguir. Na declarativa com ênfase, o falante indica a sua posição subjetiva; ao enfatizar um segmento, expressa sua surpresa ou sua admiração, entre outras. A declarativa com ênfase foi também descrita por Seara e Sosa (2017) como (LH) ;H*L%. Observe a Fig. 7.

Figura 7 - Contorno entonacional da declarativa com ênfase.

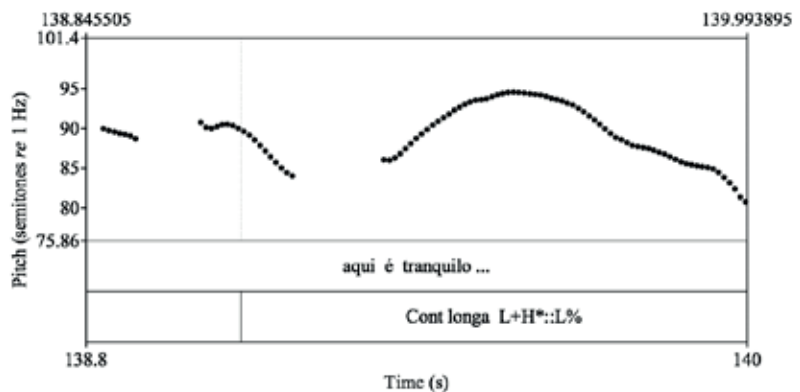


⁶ Termo adaptado de Cunha (2000) que denomina assertiva não final diante de contexto continuativo.

⁷ Não é nossa intenção, neste artigo, discutir teoricamente cada um dos atos de fala proferidos pelos falantes, mas apenas descrever intuitivamente o que os define.

A declaração neutra ou assertiva final (CUNHA, 2000) se diferencia do encadeamento de ideias, ou assertiva não final em contexto continuativo (CUNHA, 2000), porque esta última indica que o falante está continuando a sua contribuição. O falante está adicionando outras informações àquilo que ele já disse. Há manutenção do turno conversacional. A Fig. 8, exibida a seguir, exemplifica esse contorno melódico de declarativa não final diante de contexto continuativo; o falante está acrescentando que Florianópolis é um lugar tranquilo.

Figura 8 - Contorno entonacional com notação L+H* L%, observado como um contorno continuativo no falar manezinho dos mais jovens.

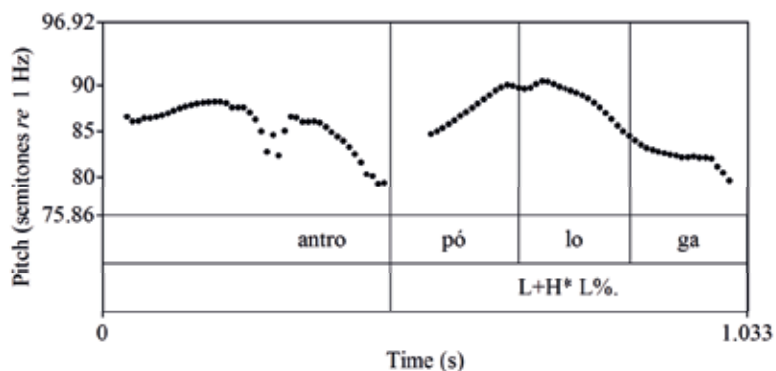


A diferença em relação à declaração com ênfase é que, na declarativa não final continuativa, o falante está continuando a sua fala, ao passo que, na ênfase, ele sinaliza prosodicamente que o conteúdo veiculado é de algum modo relevante. O contorno declarativo não-final em contexto continuativo, observado na Fig. 9, é descrito em Seara e Sosa (2017) como L+H*L%. Esse contorno entonacional também aparece nos padrões de curvas encontrados por Cunha (2000) para cariocas e baianos. Há ainda um aumento nos índices de F0 e de duração, sem aumento de amplitude. O padrão continuativo se diferencia da ênfase justamente por não levar a uma alteração da intensidade mas sim a um aumento da duração das tônicas e das pós-tônicas (GONÇALVES, 1997 *apud* TENANI, 2002, p.77).

Finalmente, como já descrito na literatura (MORAES, 2008, NUNES, 2011, NUNES; DIAS, 2014; SILVA, 2011; entre outros), na interrogação total (resposta sim/não), o falante solicita uma informação. Essa é a única curva que não é

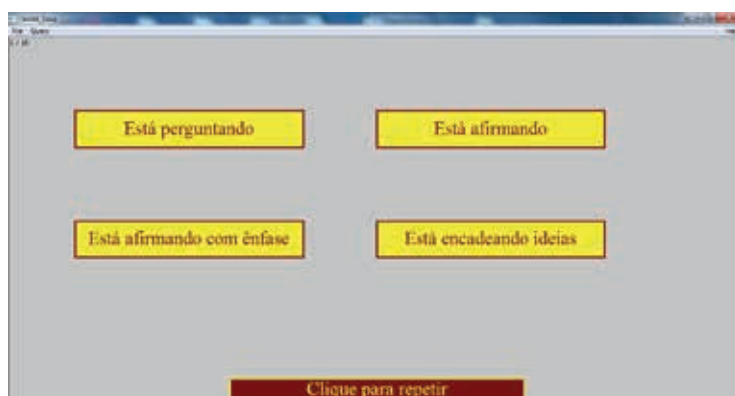
uma declaração no sentido mais amplo. Observe, na Fig. 9, o contorno entoacional de uma interrogativa total também com a notação entonacional: L+H* L%.

Figura 9 - Contorno entonacional da interrogativa total.



O teste de identificação foi realizado com 12 ouvintes: três *manezinhos* e nove *não-manezinhos* (de São José e Brusque (Santa Catarina); Rio Branco (Acre); Ribeirão Preto e São Paulo (São Paulo); Porto Alegre e Pelotas (Rio Grande do Sul)). Esses ouvintes deveriam dizer se percebiam os estímulos como uma afirmação, uma pergunta, uma afirmação com ênfase ou como encadeamento de ideias. Na Fig. 10, é mostrada uma das telas do teste de identificação.

Figura 10 - Tela do teste de identificação



Para esse experimento, utilizamos apenas os dados produzidos pelos falantes na faixa etária acima de 50 anos. Não apresentamos explicitamente para o ouvinte o que cada uma dessas diferentes interpretações significava. Julgamos

que poderíamos contar com a intuição dos participantes. Realizamos uma fase de prática para termos certeza de que os ouvintes haviam compreendido a tarefa e as descrições intuitivas das diferentes interpretações que julgávamos possíveis com os contornos selecionados.

3.1.1 Resultados do teste de identificação

Para o teste de identificação, também reunimos os ouvintes em dois grupos: *manezinhos* e *não-manezinhos*. Os resultados, coletados automaticamente pelo *script* do Praat, estão apresentados na Tabela 6.

Tabela 6 - Resultados do teste de identificação

Estímulos	Ouvintes	Afirmando	Perguntando	Afirmando com ênfase	Encadeando ideias
Declarativa neutra	<i>manezinho</i>	60%	0%	24%	16%
	<i>não manezinho</i>	60%	20%	7%	13%
Interrogativa	<i>manezinho</i>	10%	65%	0%	25%
	<i>não manezinho</i>	0%	67%	0%	33%
Continuativo L+H*L%	<i>manezinho</i>	40%	13%	34%	13%
	<i>não manezinho</i>	33%	11%	45%	11%
Com upstep L+;H*L	<i>manezinho</i>	37%	0%	48%	17%
	<i>não manezinho</i>	17%	17%	55%	11%

Para os estímulos que correspondiam às declarativas neutras, a resposta esperada era **afirmando** para os dois grupos. Os resultados mostraram que esses estímulos foram percebidos como afirmando em 60% dos dados tanto para *manezinhos* quanto para *não-manezinhos*. Para os *não-manezinhos*, esses estímulos foram considerados como pergunta em 20% dos dados. Com respeito aos estímulos que correspondiam a interrogativas, a resposta esperada era **perguntando** para ambos os grupos e foram considerados como tais em aproximadamente 65% dos estímulos para *manezinhos* e para *não-manezinhos*. No entanto, para 10% dos *manezinhos*, houve a percepção de que poderia ser uma afirmação. Para os estímulos relacionados com sentenças com estrutura L+H*L% (contorno continuativo), a resposta esperada era **encadeando ideias** para os dois grupos de participantes. No entanto, esses estímulos

foram considerados como afirmando ou afirmando com ênfase em aproximadamente 75% dos dados para os dois grupos, que se comportaram de maneira bem parecida.

Para os estímulos que correspondiam às sentenças com *upstep* (L+ ;H*L%), foco desta pesquisa, a intenção era investigar o significado desse contorno. Esses estímulos foram considerados, em sua maioria, como declarativas com ênfase pelos dois grupos (48% para os *manezinhos* e 55% para os não-*manezinhos*). Todavia, para os *manezinhos*, 85% desses estímulos foram percebidos como uma declarativa (neutra e com ênfase) e não foram de maneira alguma percebidos como interrogativos. Para os não *manezinhos*, apenas 65% desses estímulos foram considerados uma declarativa (neutra e com ênfase) e 17% desses estímulos foram considerados como interrogativos. Ou seja, embora os dois grupos entendam o contorno *upstep* como ênfase, eles não têm o mesmo comportamento, porque os falantes de outras variedades dialetais tendem a interpretar menos como afirmação e apenas esses falantes interpretam como pergunta. Esse resultado talvez tenha relação com a diferença de acento de *pitch* na sílaba tônica da região nuclear para a declarativa neutra, ou seja, a sílaba tônica é descrita por um tom baixo (L*), enquanto, para a declarativa com *upstep*, a sílaba tônica da região nuclear é descrita com um tom alto (H*) como nas interrogativas.

Em resumo, o comportamento distinto dos *manezinhos* e dos não-*manezinhos* aparece na interrogação - 10% dos *manezinhos* entenderam a curva de interrogação como uma afirmação, enquanto, para os não *manezinhos* não houve nenhuma identificação das interrogativas como declarativa com ou sem ênfase. Já o contorno declarativo com *upstep*, apenas os não *manezinhos* entenderam essa curva como interrogativa, 17%, e apresentaram um menor percentual de interpretação desse contorno como declarativa neutra (37% para os *manezinhos* versus 17% para os falantes não-*manezinhos*). Essa é uma indicação de que as curvas podem estar associadas a diferentes interpretações, uma questão que continuaremos investigando.

Conclusões e novas pesquisas

Com relação às questões que iniciaram essa pesquisa, a primeira visava esclarecer se falantes *manezinhos* mais jovens

utilizavam o contorno declarativo com *upstep*. Esse contorno foi encontrado, apresentando, no entanto, uma subida menos proeminentemente nos mais jovens. O contorno com *upstep* menos proeminente ocorreu em 78% dos dados dos mais jovens, acompanhado por 22% com o contorno com *upstep* com maior proeminência. Assim, verificamos a vitalidade identitária desse contorno entonacional com *upstep*.

O teste de discriminação visava avaliar se os contornos declarativos com *upstep* mais ou menos proeminentes eram interpretados diferentemente pelos ouvintes *maneirinhos* e *não-maneirinhos*. Os resultados indicaram que falantes *maneirinhos* não mostram tendência para os contornos com *upstep*, já os falantes de outras variedades dialetais tendem a tratar a diferença entre subida menos e mais acentuada como igual, isto é, ser mais ou menos alto é irrelevante para esse grupo. Assim, falantes *não-maneirinhos* se comportaram diferentemente dos *maneirinhos*, indicando que estamos diante de uma identidade dialetal. Aventamos a hipótese de que podemos estar diante de uma variação etária entre *maneirinhos* jovens e velhos. Essa é uma hipótese que pretendemos testar.

A segunda questão dizia respeito ao valor semântico-pragmático do enunciado com *upstep*. A conclusão mais importante do teste de identificação diz respeito à avaliação do contorno com *upstep*. Nenhum falante *maneirinho* identificou esse contorno como interrogativo, ao passo que 17% dos falantes *não maneirinhos* entenderam que se tratava de uma pergunta. Além disso, para 37% dos *maneirinhos*, esse contorno está associado a uma declaração neutra, ao passo que isso ocorre apenas com 17% dos falantes *não maneirinhos*. Essas são indicações de que estamos diante de duas variedades distintas e talvez, possivelmente, diante de duas gramáticas.

Os testes desenvolvidos formam uma primeira amostragem e precisam ser aperfeiçoados. Em particular, o teste de identificação contrastou contornos que não parecem ser relevantes, como o continuativo. Isso ocorreu porque não havia nenhuma hipótese sobre o valor semântico-pragmático do contorno com *upstep*. O próximo passo é realizar novos experimentos, aperfeiçoando os testes já realizados. Nessa nova bateria de testes, iremos controlar o tamanho das frases, observar separadamente os resultados de catarinenses e de outras regiões brasileiras, separar os grupos de *maneirinhos*

(jovens e mais velhos), redesenhar o teste de identificação do valor semântico de maneira a evitar denominações como “está afirmando”, usando uma metodologia que ouvintes de diferentes áreas de conhecimento e de diferentes níveis de escolaridade possam entender prontamente, e, finalmente, aplicar os testes a um número mais expressivo de ouvintes para podermos verificar estatisticamente os resultados.

REFERÊNCIAS

BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer* [Computer program]. Version 6.0.14, Disponível em <<http://www.praat.org>>. Acessado em fevereiro de 2016.

CHIERCHIA, G. *Semântica*. Londrina, Campinas: Editora da UEL e Editora da Unicamp, 2003.

CUNHA, C. S. *Entoação Regional no Português do Brasil*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: FL/UFRJ, 2000.

FROTA, S.; CRUZ, M.; FERNANDES-SVARTMAN F.; COLLISCHONN, G.; FONSECA, A.; SERRA, C.; OLIVEIRA, P.; VIGARIO, M. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In: S. Frota; P. Prieto (eds.), *Intonation in Romance* Oxford: Oxford University Press, 2015. p.235-283.

FURLAN, Osvaldo. *Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1989.

KLUGE, D.; RAUBER, A. RATO, A.; SANTOS, G.R. Percepção de sons de Língua estrangeira: questões metodológicas e o uso dos aplicativos praat e tp. *Revista Letras*, Curitiba, UFPR, n. 88, p. 171-188, jul./dez. 2013.

MORAES, J. A. The Pitch Accents in Brazilian portuguese: analysis by synthesis. In: *Proceedings of the Fourth Conference on Speech Prosody*, 2008.Campinas: Unicamp, 2008. p. 389-397.

NUNES, V. G. *Análises entonacionais de sentenças afirmativas e interrogativas totais nos falares florianopolitano e lageano*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

NUNES, V. G. *A prosódia de sentenças interrogativas totais nos falares catarinenses e sergipanos*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

NUNES, V.G.; DIAS, E. C. O. Sentenças interrogativas totais neutras e não-neutras no falar florianopolitano. *Working Papers em Linguística*, v.2, n.15, p. 140-155 ago/dez 2014.

PIERREHUMBERT, J. *The phonology and phonetics of English intonation*. 402 fls. Tese (Doutorado), Departamento de Linguística e de Filosofia, Universidade de Harvard, 1980.

PRIETO, P. Las teorías lingüísticas de la entonación. In: PRIETO, P. (ed.). *Teorías de la entonación*. Barcelona: Ariel, 2003. p. 13 - 33,

PRIETO, P. En torno a la asociación tonal en el modelo métrico - autosegmental. Puntos controvertidos en su aplicación al catalán. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, v. 3, n. 6, p. 9 -28, 2005.

SEARA, I. C.; SOSA, J. M. . A identidade dialetal do “manezinho” com foco em características entonacionais. *Letras de Hoje*, v. 52, p. 51-57, 2017.

SEARA, I. C.; SILVA, M. C. F. ; BERRI, André . A entoação do SN-Sujeito no PB falado em Florianópolis: sentenças declarativas e interrogativas totais. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, v. IX, p. 157-168, 2011.

SEARA, I. C.; COUTO, L. R. . Entoação de frases declarativas e interrogativas no falar fluminense e catarinense. In: XVI Congreso Internacional de la ALFAL, 2011, Alcalá de Henares (Espanha). *Actas XVI Congreso Internacional de la ALFAL*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2011. v. 1. p. 1-7.

SILVA, J.C.; CUNHA, C. S. Caracterização prosódica dos falares brasileiros: a questão total em Recife, Rio de Janeiro e Florianópolis. *Antares: Letras e Humanidades*, v.3, n.6, p. 282-294, jul/dez, 2011.

SILVA, J.C.B. A Prosódia regional em enunciados interrogativos espontâneos do português do Brasil. *Revista Gatilho*, ano VII, v. 13, p.1-13, 2011.

SILVESTRE, A. P. S. 2012. *A Entoação Regional dos Enunciados Assertivos nos Falares das Capitais Brasileiras*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 2012.

SILVESTRE, Aline Ponciano; REIS, Gizelly Fernandes Maia dos. Pelos cantos do Brasil: a variação entoacional da asserção neutra em Maceió, São Paulo e Florianópolis. *Leitura*, Maceió, n.52, p. 117-138, Jul./dez. 2013.

SOSA, J.M.; Nunes, V. G.; SEARA, I. C. Variação prosódica das sentenças totais no falar catarinenses: um estudo experimenta. *Leitura* (UFAL), v. 2, p. 139-163, 2013.

TENANI, L. E. *Domínios prosódicos do português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: LEL/UNICAMP, 2002.

VAR SUL – Projeto de Variação Linguística na Região Sul do Brasil, Universidade Federal de Santa Catarina, [1990-2012]. Disponível em <<http://www.varsul.org.br/>>. Acesso em 20 de abril de 2016.

Abstract

The identity vitality of intonational contours typical of the “Manezinho” speech

*This article describes an intonational contour that typifies a dialectal variety of Brazilian Portuguese - “Manezinho” speech - and proposes the hypothesis of an interface between prosody and semantics/pragmatics, as the same intonational contour is interpreted with different meanings by “Manezinho” and non-“Manezinho” speakers. Seara e Sosa (2017), describing this “Manezinho” speech, identified a declarative contour with upstep in older speakers (over 50 years), that had not been yet described in the literature. This contour has an intonational nucleus with a very high peak followed by a drastic drop to the lower register of the speaker, represented phonologically as (LH) ;H*L% in the Autosegmental-Metrical Theory (Pierrehumbert 1980, amongst other authors). This current research showed that although the younger speakers also use the contour with upstep, their version of it does not exhibit as high a rise as the ones produced by the elders. We conducted a discrimination test with contours with upstep similar to the ones of the older subjects, and by means of an identification test, we identified their semantic-pragmatic value. The discrimination test showed that the contour with upstep is widely used by the younger speakers, even if the rise is not as prominent as that of the older ones. The identification test showed that some prominent contours with upstep were identified by the non-Manezinhos as questions (17%); however, no Manezinho listener interpreted this kind of nucleus as a question. These results seem to suggest that we are facing two distinct varieties, which will require more in-depth analyses.*

Keywords: *Intonation; Manezinho speech; Contours with upstep; Semantic-pragmatic value.*